Notas ao esquema simplificado de «estabilização»

(1) Deveria estar inteiramente operacional em 1980; a rever em 1995 — se a taxa de substituição para as famílias não puder concretizar-se no ano 2000, tomar medidas de restrição socioeconómicas; a população da Inglaterra deverá começar a diminuir lentamente a partir de 2015-2025, a do mundo a partir de 2100; de esperar pouca retroacção para a Inglaterra antes de 2030.

(2) Progressivo; correcções de detalhe para resolver as dificuldades até 1980; favorecendo a conservação dos materiais e de energia o emprego intensivo de mão-de-obra na indústria, a descentralização e a progressão no sentido de (*p*) (*q*) (*r*) e (*s*).

(3) Uma passagem parcial à regulação integrada pode começar imediatamente, mas a transferência a uma vasta escala dependerá (*h*) do programa de investigação de regulação integrada; evidentemente, (*h*), (*i*) e (*l*) prosseguirão num curso paralelo e estão assim figurados como um conjunto; (*g*) continuará também durante um certo tempo.

(4) Os procedimentos de cultura diversificada (*k*) e a regulação integrada (*j*) conjugar-se-ão para estimular uma agricultura bem adaptada a comunidades reduzidas, usufruindo de uma larga autarquia; a partir daí pode-se contar com uma retroacção interessante.

(5) Será necessário, sem dúvida, até ao ano de 2100.

(6) A mão-de-obra libertada da construção das estradas poderá ser transferida para (*m*) a recuperação das terras abandonadas que deveria estar terminada em 1985; depois do que poderá haver outros programas de renovação, tais como a restauração dos canais, enquanto que a agricultura terá cada vez mais necessidade de mão-de-obra.

(7) O desenvolvimento de tecnologias de substituição (*q*) e a reorientação da indústria (*r*) irão a par; retroacção sucessivamente mais interessante entre (*b*) e (*t*).

(8) A descentralização dos poderes públicos deve terminar no ano de 2030, dando-se assim 45 anos para a execução de (*w*); ver nota (9).

(9) Para a organização e investigação preliminares, fica previsto, ùnicamente, um prazo de cinco anos, pois que podem progredir paralelamente com a formação de quadros educativos (*v*) e com o próprio programa de educação (*w*).

(10) Poder-se-iam organizar comunidades experimentais de 500 membros para clarificar os problemas; retroacção em (*u*).

(11) Desde que as comunidades estejam situadas nas dimensões que se deseja, os lixos domésticos podem voltar para a terra; de um modo geral, a amálgama das actividades rurais e urbanas pode começar.

(12) A partir daí, a diversidade da agricultura, a descentralização da indústria e dos poderes públicos, assim como a proporção de jovens e adultos educados com vista a uma sociedade éstável, deveriam ser suficientes para que a instalação de comunidades autárquicas e autoreguladoras esteja bem avançada. No entanto dar-se-ia o tempo de uma nova geração para alcançar a data limite.

livros recebidos

CHARLOT, Jean (direcção) — *Quand la gauche peut gagner...* (inquéritos IFOP, 1967, 1968, 1973) — Paris, Editions Alain Moreau, 1973.

Apresentando toda uma sucessão de inquéritos e de análises de resultados realizados em sucessivos períodos eleitorais, este livro representa uma contribuição importante para a compreensão dos mecanismos e dos instrumentos políticos franceses, constituíndo um contraponto factual indispensável para escapar às frequentes circularidades estritamente teóricas que aparentemente explicam tudo, mas que, muitas vezes, se revelam inaceitáveis, quer porque a óptica nelas utilizada é deformante, quer porque a sua base factual é insuficiente.

COTTA, Alain — *Dicionário de Economia* — Lisboa, Dom Quixote, 1973, 412 pp.

De entre as dificuldades maiores com que o estudante depara ao iniciar-se na aprendizagem de qualquer campo teórico, ressalta a da necessidade da sua familiarização, com noções, conceitos ou categorias cujo conteúdo ultrapassa largamente o significado que o senso comum lhes atribui.

Da mesma forma, o estudioso de qualquer disciplina vê-se, por vezes, na necessidade — tão frequente no campo das ciências sociais — de se socorrer de análises e explicações cujo conteúdo releva de outras disciplinas complementares da sua. E, por vezes, não se torna fácil a esse estudioso aperceber-se da extensão

daquelas sem proceder à decifração, não só da sua lógica, como também das suas «palavras-chave».

Este *Dicionário de Economia,* elabarado de modo a poder responder tanto às necessidades imediatas do estudante de teoria económica, como às do estudioso menos familiarizado com os esquemas da economia capitalista, oferece ainda a vantagem adicional de prolongar o tratamento de alguns assuntos à realidade portuguesa.

EMMANUEL, Arghiri, BETTELHEIM, Charles e outros — *Um proletariado explorador?* — Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1971, 169 pp.

Esta colectânea de nove textos assinados por diversos autores — Arghiri Emmanuel, Charles Bettelheim, Henri Denis, André Granou, Guy Dhoguois e Christian Palloix — polariza-se em torno das teses, avançadas pelo primeiro (ver *L'Echange Inégal*), que visam preencher a lacuna, na análise económica marxista, de uma teoria da determinação dos termos de troca internacionais e conduzir, dentro das perspectivas literárias do marxismo à eventual reformulação da problemática das relações internacionais e das relações de classe. O quadro global da perspectiva de Emmanuel assenta no teorema segundo o qual os termos de trocas praticados internacionalmente dependem, em última análise, da diferenciação das taxas de salários, donde o poder apontar-se uma transferência de mais-valia das regiões sub-desenvolvidas para as regiões industrializadas do mundo capitalista.

Esta colectânea dá conta das inúmeras críticas de que um tal referencial teórico é passível, quer no campo restrito da economia — especificidade das relações económicas internacionais — quer, e sobretudo (parece-nos), no plano das suas consequências de índole política: qual, segundo o marxismo, o antagonismo determinante? O que sobressai do confronto entre as nações «ricas» e as nações «pobres» ou o que contrapõe, à escala planetária, o proletariado e as classes dominantes?

GALBRAITH, John Kennedy — *O Novo Estado Industrial* — Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1973, 514 pp.

Esta obra — que pode considerar-se continuação do célebre *The Affluent Society* (1958) — aparece em 1967, depois de se terem verificado algumas novas alterações no sistema capitalista, mas antes de se terem tornado explícitas as actuais contradições que se detectam no plano internacional, quer na esfera comercial, quer na das relações monetárias. Em certo sentido este livro de Galbraith foi prematuro; mas aí reside um dos seus aspectos mais estimulantes, pois permite comparar o que era visível no período antecedente ao início de uma crise que será certamente prolongada e que ainda está longe de terminar. Em termos mais específicos, a contribuição de Galbraith, nesta obra, assenta basicamente no estudo das condições da tomada de decisões nos modernos sistemas económicos, zona onde é claramente inovador em relação à linha principal da produção teórica americana. E, nesse campo, a sua análise (de 1967) do conceito de *tecnoestrutura* continua perfeitamente correcta.

GURVITCH, Georges — *As Classes Sociais* — Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1970, 254 pp.

A importância capital das classes sociais — cujo número, caracteres, relações respectivas, papel histórico efectivo não podem ser determinados *a priori* — é função dos tipos particulares das estruturas sociais globais e, por vezes, até de conjunturas específicas, o que, entre outras consequências, originou o aparecimento de diversos conceitos de classe social. Por outro lado, a função das classes sociais como forças criadoras, o seu papel na produção na circulação e na distribuição dos bens económicos, as suas relações com as suas organizações específicas, assim como com a sociedade global, são exemplos de fenómenos carregados de uma dinâmica complexa e compreendidos numa grande variabilidade empírica.

Gurvitch, inteiramente consciente destes dois importantes aspectos da conceptualização das classes sociais, dá-nos, neste livro, uma panorâmica

da evolução desse conceito, quer nos autores marxistas, quer nos não-marxistas, para, situando-se na perspectiva da sociologia dos grandes grupos, nos apresentar uma definição de classe social cujo aspecto mais saliente reside em negar a identificação do determinismo das classes e o das sociedades globais, sublinhando que entre os dois se desenvolve uma dialéctica extremamente complexa que apenas as investigações concretas podem ajudar a definir nos seus múltiplos contornos intrínsecos, bem como na variedade das suas relações.

LECOURT, D. — *Para uma Crítica da Epistemologia* — Lisboa, Assírio & Alvim, 1973, 109 pp.

Este livro — primeiro de uma colecção de «Textos de Ciências Sociais» — constitui um trabalho de reflexão crítica em torno do estatuto da Epistemologia. O autor assume uma perspectiva de recusa radical do pressuposto sociológico idealista enquanto pano de fundo tenaz das práticas científicas, quer das atribuíveis à variante positivista, quer das de sinal empirista. Os principais vectores onde se escora remontam a uma «tradição» epistemológica onde sobressaem as obras de G. Bachelard, G. Canguilhem e M. Foucault. Assim, retoma essa tradição recuperando a modernidade dos desenvolvimentos epistemológicos desses três autores propondo uma série de tomadas de decisão capazes de formarem um ponto de partida para uma história das ciências exequível em termos de descontinuidade e ruptura, relativamente à espistemologia clássica auto-sustentada. São quatro os capítulos, precedidos de uma introdução, que compõem o livro: «De Bachelard ao materialismo histórico», «Epistemologia e poética (estudo sobre a redução das metáforas em G. Bachelard)», «A história epistemológica de Georges Canguilhem» e «Sobre a arqueologia e o saber (a propósito de Michel Foucault)».

MEAD, Margaret e BALDWIN, James — *O Racismo ao Vivo* — Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1973, 308 pp.

Este livro proporciona ao leitor um longo diálogo que Margaret Mead — antropóloga com vasta obra — e J. Baldwin — escritor negro de projecção — desenvolveram, tendo como núcleo de discussão o tema do racismo, nomeadamente na sociedade norte-americana. Passam os dois em revista os aspectos sociais e humanos mais gritantes de uma sociedade que sentem polarizada em dois grupos sociais em confronto, os brancos e os negros. Mas a «patologia» a que aludem, que causas profundas possui? Tratar-se-á de um fenómeno a circunscrever no terreno de «culturas» em rivalidade dinâmica no contexto de uma supremacia dos quadros de referência dos brancos? Eis duas perguntas fundamentais a que as análises ensaiadas por Mead e Baldwin não dão respostas claras.

PARSONS, Talcott — *Sociétés: Essai sur leur évolution comparée* — Paris, Dunod, 1973, 151 pp.

Esta obra de Parsons (inicialmente publicada em 1966) divide-se em duas partes. Na primeira, Parsons faz um resumo de todo o seu complexo aparelho teórico, que nem sempre é fácil captar ao longo das sua sobras anteriores. Apesar de muitos dos vícios de linguagem, típicos de Parsons, reaparece também neste resumo e, ainda, apesar de as limitações de espaço o terem obrigado a condensar muitos raciocínios importantes, não há dúvida de que esta primeira parte constitui uma boa introdução à sua teoria do sistema social. Na segunda parte, desenvolve-se um esforço de concretização desse modelo teórico em vários casos históricos (as sociedades primitivas, o antigo Egipto e os impérios da Mesopotâmia, a China, a Índia, os impérios islâmicos, o império romano, Israel e a Grécia) numa perspectiva comparativista. Resta acrescentar que esta edição francesa tem uma introdução às teorias parsonianas, escrita por François Chazel.

PIAGET, Jean — *Seis Estudos de Psicologia* — Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1973, 216 pp.

Já antigo (a edição original é de 1964), este livro é uma das obras mais divulgadas de Piaget, exacta-

mente porque introduz os seus conceitos básicos de uma forma acessível, sem que haja desvirtuação significativa em relação às suas construções científicas mais elaboradas. Neste sentido, a publicação em português desta obra cumpre o seu objectivo básico: a divulgação de uma das mais significativas contribuições para a psicologia humana (e não apenas da criança).

POLAK, Fred — *The image of the futur* — Amsterdam, Elsevier Scientific Publisching Company, 1973.

O autor desta obra (de origem holandesa) teve uma grande importância no desenvolvimento dos estudos prospectivos na década de 50, sendo um dos teóricos que, no Institute for Advance Studies in the Behavioral Sciences, em Porto Alto, lançou as bases do que viria a ser, na década de 60, o início de um estudo sistemático dos «cenários» sobre o futuro. Este texto (que é o resumo, feito por Elsic Boulding, da sua obra fundamental) mostra-nos a arquitectura de um esquema de análise ainda limitada e, sobretudo, datado, mas que contém também algumas sugestões de muito interesse.

PREVITÉ-ORTON C. W. — *História da Idade Média* — (5 volumes publicados) Lisboa, Editorial Presença, 1973.

Desde a fase de decadência do Império Romano sob o imperador Constantino até aos alvores do Renascimento, tal é o longo período que constitui o objecto de análise desta *História da Idade Média.*

Trata-se duma síntese da obra colectiva e monumental *The Cambridge Medieval History,* preparada por C. W. Previté-Orton com vista à utilização não só pelos medievalistas mas sobretudo pelos estudantes com menor necessidade de espepecialização e, por isso, menos interessados na consulta exaustiva da obra original. A edição abreviada, que agora aparece traduzida, tem ainda a vantagem da unidade de perspectiva muitas vezes ausente nos trabalhos colectivos.

Uma edição que servirá de referência indispensável, em língua portuguesa, aos que careçam de ampla informação sobre a época medieval.

SCHEFLEN, Albert E. — *How behavior means* — Nova Iorque, Gordon and Breach, 1973, 167 pp.

Este livro, escrito por um professor de psiquiatria do Albert Einstein College of Medicine, é uma importante contribuição para o estudo das formas de comunicação verbais, espaço da comunicação humana que vem assumindo, nos últimos tempos, uma importância crescente para o estudo mais geral do comportamento humano. Em particular, sublinha-se a importância do conceito de *sistemas émicos (émic systems)* que enquadra os comportamentos representacionais no interior de quadros culturais específicos, onde as suas formas atingem referências bem definidas e universais (para o interior do seu domínio de significação).

SERRÃO, Joel — *Cronologia Geral da História de Portugal* — Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971, 191 pp.

Esta *Cronologia Geral da História de Portugal* constituiu na sua primeira versão um apêndice do *Dicionário da História de Portugal* dirigido pelo Prof. Joel Serrão. Elaborada a partir das datas incluídas nos vários artigos dessa obra, foi revista sobretudo no capítulo correspondente ao período da República (1910-1930).

Tendo por objectivo, explicitado aliás na sua «Nota preliminar», contribuir para o preenchimento de uma lacuna da bibliografia historiográfica portuguesa, decompõe-se esta *Cronologia Geral* nos seguintes capítulos: «Proto-História»; «Condado Portucalense»; «Formação e Organização de Portugal»; «Expansão marítima e colonial»; «Domínio espanhol»; «Restauração da independência e consolidação do domínio português no Brasil»; «Aceleração do *Processus* da independência brasileira e instauração do regime liberal»; «Regeneração e expansão africana»; «República».